

RESUMO

Abordagem dos aspectos metodológicos, terminológicos e conceptuais em que assenta a construção de uma base de dados de sítios arqueológicos da Pré-História Recente (do VI ao II milénios a.C.) no território português da bacia hidrográfica do rio Douro. Reflectindo sobre a classificação de sítios arqueológicos, a autora pretende contribuir para o diálogo construtivo entre pré-historiadores, num tema em que o debate tem escasseado.

PALAVRAS CHAVE: Pré-História recente; Carta arqueológica; Metodologia.

ABSTRACT

Approach to the methodological, terminological and conceptual issues underlying the construction of a database of Late Prehistory archaeological sites (from the 6th to the 2nd millenniums BC) in the Portuguese territory of the River Douro basin. The author offers her reflections on historical site classification as a way of furthering the dialogue among prehistorians about a theme that has not been discussed sufficiently.

KEY WORDS: Late Prehistory; Archaeological map; Methodology.

RÉSUMÉ

Approche des aspects méthodologiques, de terminologie et conceptuels sur lesquels s'appuie la construction d'une base de données de sites archéologiques de la Préhistoire récente (du VIème au IIème millénaire av. J.C.) sur le territoire portugais du bassin hydrographique du fleuve Douro. Réfléchissant à la classification de sites archéologiques, l'auteure prétend contribuer au dialogue constructif entre préhistoriens, au sujet d'un thème autour duquel le débat s'est rareté.

MOTS CLÉS: Préhistoire récente; Plan archéologique; Méthodologie.

<sup>1</sup> Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto / Instituto Politécnico de Bragança.

[texto entregue para publicação em Março de 2010]

# A Pré-História Recente na Bacia Hidrográfica do Douro

## construção de uma base de dados

Alexandra Vieira <sup>1</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

O assunto que abordamos neste artigo <sup>1</sup> integra-se no projecto de investigação que nos encontramos a desenvolver e que tem como tema central a “construção da paisagem” na Pré-História Recente (do VI ao II milénios a.C.) da Bacia Hidrográfica do Douro, em Portugal. Para a sua concretização, definimos como objectivos gerais o estudo da paisagem enquanto realidade construída no interior de um processo de interacção entre o meio físico e as comunidades humanas, e o avançar de hipóteses explicativas sobre as principais formas de “construção” da paisagem entre o VI e II milénios a.C. Neste processo de estruturação do nosso trabalho, deparámo-nos com algumas questões relacionadas com a construção de uma Base de Dados de Sítios Arqueológicos da Pré-História Recente, nomeadamente com a grande variabilidade ao nível dos “sítios” entre o VI e II milénios a.C. A classificação de tipos de “sítios” da Pré-História Recente e a recorrente utilização de terminologias ambíguas, são dois aspectos expostos aqui de forma muito sumária, assim como a apresentação de uma nova proposta de Tipos de Sítios Arqueológicos e de uma Base de Dados de Sítios Arqueológicos da Pré-História Recente para a Bacia Hidrográfica do Douro.

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no I Encontro de Jovens Investigadores do CEAUCP/CAM, com o título “A Pré-História Recente na Bacia Hidrográfica do Douro – a conceptualização de uma base de dados” (Universidade de Coimbra, 23 e 24 de Janeiro 2009), transposta para este artigo com algumas alterações.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA BASE DE DADOS

*“Inventariar significa compilar, actualizar, gerir e disponibilizar informação estruturada que descreva um objecto (ou conjunto de objectos) em momentos determinados do tempo, tendo em vista a compreensão do seu valor material e simbólico.*

*[...] Os inventários do património [...] transformaram-se gradualmente em complexos sistemas de informação, constituídos por dados textuais e iconográficos, capazes de fornecer chaves para leituras polivalentes, orientadas para as diferentes necessidades e procuras”*  
(ALÇADA 1998: 49).

Como compilar e gerir os dados arqueológicos da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro? A melhor solução pareceu-nos ser a construção de uma base de dados de sítios arqueológicos. Atendendo ao facto de que uma base de dados *é um conjunto estruturado de informação*, optámos por começar pela recolha e sistematização de dados, com o intuito de realizar um inventário exaustivo de sítios do VI ao II milénios a.C. para toda a área do projecto.

### 2.1. METODOLOGIA

O primeiro passo passou pela construção de uma base de dados de sítios arqueológicos da Pré-História Recente na região estudada. Atendendo à extensão da Bacia Hidrográfica do Douro em território português, e à existência da Base de Dados de Sítios Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia (posteriormente integrado no IGESPAR), disponível *on-line*, foi relativamente simples congregar um conjunto de dados que provêm da revisão de bibliografia arqueológica existente e dos resultados dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no país desde os finais da década de noventa do século passado. Esta base de dados *on-line* reúne um conjunto de dados, tais como a localização administrativa de um determinado sítio arqueológico, o seu período cronológico, o tipo de sítio, descrição e referências bibliográficas, encontrando-se disponível a todos os investigadores, nacionais e estrangeiros. Apesar de constituírem um bom ponto de partida, a maior parte das fichas, por conterem apenas uma descrição muito sumária dos sítios, carecem de ser revistas, analisadas e complementadas com outros dados. Decidimos seleccionar todas as fichas referentes ao período de tempo que nos encontramos a estudar e às unidades geográficas que se integram na nossa área de análise, o que nos levou a um processo de revisão dos dados referentes a estes sítios arqueológicos da região.

Até ao momento, os trabalhos realizados cingem-se ao levantamento de informação bibliográfica e documental.

A recolha bibliográfica compreende a consulta de obras de carácter geral, de artigos de revistas arqueológicas, de publicações de variada índole relacionada com a Pré-História da região, das bases de dados do Instituto Português de Arqueologia, IGESPAR e DGEMN (SIPA), assim como de outras fontes de informação diversa, nomeadamente os trabalhos de mestrado ou doutoramento de investigadores relacionados com projectos arqueológicos a decorrer na zona.

### 2.2. PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO: ENDOVÉLICO

Portugal possui um sistema de informação arqueológica – *Endovélico* – “*que é o mais completo conjunto de dados sobre a actividade arqueológica nacional*”. Nos últimos dez anos, e no cumprimento da legislação relativa ao património arqueológico ao nível das acções de investigação, foram inseridos novos registos, estando parte dessa informação disponível *on-line*.

Tendo como finalidade a ampliação dos conteúdos disponibilizados no *site* do Instituto Português de Arqueologia, foi executado um projecto através do Programa Operacional da Cultura, co-financiado por fundos FEDER. Neste projecto procurou-se adaptar os dados das fichas de sítios arqueológicos, que se encontram *on-line*, às exigências da actividade arqueológica, tendo para tal sido escolhidos os sítios arqueológicos intervencionados no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos – realizados entre 1998 e 2004 –, bem como as áreas das albufeiras das barragens do Alqueva, Pedrógão e Álamos (*Inventariar para Salvaguardar*, em linha).

Segundo informação do IGESPAR, “*este sistema está associado a um Sistema de Informação Geográfica, que visa conferir uma dimensão espacial, permitindo pesquisas de natureza territorial e localização dos sítios arqueológicos*” (IGESPAR, em linha). Os conteúdos fornecidos estão em permanente actualização e podem ser obtidos mediante o preenchimento de um ou mais elementos de pesquisa nos campos disponíveis (por ex., designação, concelho, categoria de classificação, etc.).

Podemos considerar que este sistema de informação arqueológica (o *Endovélico*) é uma mais-valia para os investigadores em Portugal e um exemplo a seguir por outros países. O *Endovélico* permite uma rápida compilação de dados e o acesso a dados inéditos e não publicados respeitantes a relatórios de escavações e trabalhos arqueológicos. Até há pouco tempo atrás era um meio de pesquisa exemplar na Península Ibérica, quando comparado com o mesmo tipo de sistema de pesquisa *on-line* em Espanha.

Apesar das vantagens da existência de um sistema de gestão arqueológica como o *Endovélico*, existem alguns aspectos que podem ser melhorados. Um dos elementos que nos suscitou uma série de considerações prende-se com a classificação de sítios, melhor dizendo, com a categorização de sítios arqueológicos que tem até à data sido utilizada e que, no nosso entendimento, deve ser revista e novamente equacionada.

2.3. OS TIPOS DE SÍTIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Dois elementos-chave da pesquisa de sítios arqueológicos no *Endo-vélico* são o Período Histórico (Tabela 1) e o Tipo de Sítio (Tabela 2). Enquanto o primeiro não nos suscita grande controvérsia, esta listagem de tipos de sítios arqueológicos encontra-se um pouco superada, nomeadamente no que concerne aos sítios da Pré-História Recente (Tabela 3), em virtude dos trabalhos arqueológicos realizados nos últimos anos.

Propomos a realização de um pequeno exercício. Analisemos algumas fichas que se inserem dentro do tipo de sítio Necrópole<sup>2</sup> e vejamos o que nos dizem.

<sup>2</sup> Os dados que compõem os pontos seguintes foram retirados do *síte* do extinto Instituto Português de Arqueologia ([www.ipa.min-cultura.pt/](http://www.ipa.min-cultura.pt/)) entre os anos de 2006 e 2008 e contemplam a designação do sítio, localização administrativa (freguesia, concelho e distrito), cronologia e descrição.

2.3.1. Necrópole

1. *Outeirões* (Carvalho; Celorico de Basto; Braga)

– Calcolítico? / Idade do Bronze?

– Foram identificadas três mamoas, uma delas aparentemente intacta e as outras duas apresentando vestígios de carapaça pétreia, com cratera central de violação. Situam-se numa pequena chá, num núcleo cujas distâncias entre si não ultrapassam os 50 metros. Medem cerca de 15 metros de diâmetro e 1,5 metros de altura. Pouco tempo após a descoberta, o local foi selado para instalação de uma indústria de extracção de granito. De salientar a descoberta de um esteio granítico que, atendendo à morfologia, pode ter pertencido à câmara sepulcral de um destes monumentos. Encontra-se integrado num muro que ladeia o caminho junto da necrópole.

2. *Lugar da Lameira* (Rego; Celorico de Basto; Braga)

– Indeterminado / Pré-História.

– Aquando da construção de uma estrada, foram descobertas sepulturas escavadas no terreno, com um raio médio na ordem dos 80 cm. Recolha de ossos e de fragmentos cerâmicos de fabrico manual, alguns dos quais vasos de largo bordo horizontal.

– Levantamento / 2000: no alargamento da estrada entre Lameira e Rego surgiram várias fossas abertas no saibro, que foram destruídas ou cortadas. As escavações arqueológicas realizadas posteriormente revelaram peças de cerâmica de fabrico manual, sendo algumas vasos de largo bordo horizontal.

3. *Lagares* (Vale Benfeito; Macedo de Cavaleiros; Bragança)

– Indeterminado / Pré-História Recente?

– Neste local, actualmente ocupado por culturas agrícolas, nomeadamente um olival, apareceu em 1904 uma cista ou sepultura, que foi destruída. Segundo a descrição, era composta por três lajes, uma de cabeceira e duas laterais. Em visita posterior do Abade de Baçal, foi

TABELA 1 – Período Histórico

Paleolítico	Neolítico Final	Romano, República
Paleolítico Inferior	Neo-Calcolítico	Romano, Império
Paleolítico Médio	Calcolítico	Romano, Alto Império
Paleolítico Superior	Calcolítico – Inicial	Romano, Baixo Império
Aurignacense	Calcolítico – Pleno	Idade Média
Gravetense	Calcolítico – Final	Alta Idade Média
Proto-Solutrense	Idade do Bronze	Medieval Cristão
Solutrense	Idade do Bronze – Inicial	Medieval Islâmico
Magdalenense	Idade do Bronze – Médio	Baixa Idade Média
Epipaleolítico	Idade do Bronze – Final	Moderno
Mesolítico	Idade do Ferro	Contemporâneo
Neolítico	Idade do Ferro – 1º	Indeterminado
Neolítico Antigo	Idade do Ferro – 2º	
Neolítico Médio	Romano	

Fonte: IGESPAR (Glossário – <http://arqueologia.igespar.pt/POC/>)

TABELA 2 – Tipo de Sítio Arqueológico (*Endo-vélico*)

Abrigo	Ermida	Naufrágio
Acampamento	Escorial	Navio
Achado(s) Isolado(s)	Escultura	Necrópole
Aeronave	Estaleiro Naval	Nicho
Alcaria	Estação de Ar Livre	Núcleo de Povoamento
Alinhamento	Estela	Oficina
Âncora	Estrutura	Olaria
Anfiteatro	Exploração mineral	Ossário
Anta	Ferraria	Outros
Aqueduto	Fonte	Palácio
Armadilha de pesca	Forja	Paço
Arte Rupestre	Fortim	Pedreira
Atalaia	Fórum	Pelourinho
Azenha	Forno	Peso de lagar
Balneário	Fortificação	Pio
Barca	Fossa	Piroga
Barragem	Fundeadouro	Poldra
Basílica	Galeria	Ponte
Bateria	Coberta	Porto
Berrão	Granja	Povoado
Caís	Gruta	Povoado Fortificado
Caçada	Gruta Artificial	Povoado Mineiro
Campo de Batalha	Habitat	Poço
Canal	Hipocausto	Quinta ou Granja (aplicável ao povoamento rural romano)
Canalização	Hipogeu	Recinto
Canhão	Hipódromo	Represa
Capela	Igreja	Salina
Casal Rústico	Indeterminado	Santuário
Casco	Inscrição	Sarcófago
Castelo	Inscultura	Sepultura
Castelo Roqueiro	Jazida	Silo
Caverna de embarcação	Lagar	Sinagoga
Cemitério	Lagareta	Talude
Cetária	Laje Sepulcral	Tanque
Chafurdão	Lixeira	Teatro
Cidade	Malaposta / Mutatio	Templo
Cipo	Mamoas	Termas
Circo	Mancha de Ocupação	Tesouro
Cista	Mansio	Tholos
Cisterna	Marco	Torre
Complexo Industrial	Marco de Propriedade	Tulhas
Concheiro	Menir	Túmulo
Conheira	Mesquita	Varadouro
Convento	Miliário	Vestígios Diversos
Covas de Lobo	Mina	Vestígios de Superfície
Criptopórtico	Moinho	Via
Cromeleque	Moinho de maré	Viaduto
Cruzeiro	Monteiro	Vicus
Curral	Monumento Megalítico	Villa
Depósito	Mosaico	Viveiros
Depósito de lastro	Mosteiro	
Dólmen	Muralha	
Edifício	Muro	

Fonte: IGESPAR (Glossário – <http://arqueologia.igespar.pt/POC/>)

TABELA 3 – Tipologia de Sítios Pré-Históricos (*Endovélico*)

Abriço	Fossa	Povoado
Achado(s) Isolado(s)	Gruta	Povoado Fortificado
Anta	Habitat	Recinto
Arte Rupestre	Indeterminado	Santuário
Cista	Laje Sepulcral	Sepultura
Cromeleque	Mamoas	Túmulo
Dólmen	Mancha de Ocupação	Vestígios de ocupação
Escultura	Menir	Vestígios de superfície
Estação de ar livre	Monumento Megalítico	Vestígios diversos
Estela	Necrópole	
Estrutura	Pedreira	

Fonte: IGESPAR (Glossário – <http://arqueologia.igespar.pt/POC/>)

referenciado o aparecimento de uma segunda, havendo notícias ainda do aparecimento de mais, que terão sido destruídas também. Na primeira cista assinala-se o aparecimento de numerosos fragmentos de cerâmica e de um anel de ouro, em espiral, de três voltas, que desapareceu com o resto do espólio e das cistas. No terreno, a par de grande quantidade de pequenas lajes de xisto, aparecem pequenas aglomerações de três ou quatro lajes maiores, também de xisto, registando-se ainda o aparecimento de uma em granito, pedra alheia à geologia local. Não apareceram outros materiais à superfície. Há algumas indicações, pouco precisas, de que poderá ter sido aqui o local de achado das quatro alabardas de Vale Benfeito.

#### 4. *Penedo de Cuba / Gruta da Coriscada* (Soalhães; Marco de Canaveses; Porto)

– Neolítico.

– Localiza-se numa plataforma coberta de pinhal onde afloram muitos penedos, em encosta sobranceira à ribeira de Lardosa. A gruta das Coriscadas é formada por um aglomerado de penedos e foi aproveitada como gruta sepulcral, aberta no saibro, desconhecendo-se no entanto a sua estrutura interna. Forneceu espólio: dois machados de pedra polida, uma ponta de seta em sílex, duas facas de sílex, uma goiva de pedra e ossos humanos. O local é também conhecido como Penedo de Cuba.

– Relocalização / Identificação / 2000: penedo de grandes dimensões, arredondado, que forma na sua base uma reentrância correspondente a um pequeno abrigo.

Posto isto, e atendendo aos sublinhados, podemos formular uma série de questões: o que é uma necrópole? São conjuntos de mamoas? São conjuntos de sepulturas / cistas? São conjuntos de fossas com materiais e onde se encontram ossos humanos? São grutas ou abrigos com materiais e onde se encontram ossos humanos?

#### 2.3.2. *Habitat*

##### 1. *Veiga* (Agilde; Celorico de Basto; Braga)

– Indeterminado / Pré-História Recente indeterminada.

– Pequeno cabeço em esporão pouco destacado da paisagem, numa extensa área aplanada e entre duas linhas de água tributárias da Ri-

beira de Redolhos. Os materiais, escassos, foram encontrados sensivelmente no centro da plataforma, entre os sedimentos revolvidos recentemente.

##### 2. *Lameiros* (Seixo Amarelo; Guarda; Guarda)

– Neo-Calcolítico.

– Pequena plataforma de encosta, sobranceira a Seixo Amarelo, onde ocorre cerâmica pré-histórica à superfície.

##### 3. *Fraga do Tabias* (Alfândega da Fé; Alfândega da Fé; Bragança)

– Indeterminado / Pré-História Recente.

– *Habitat* aberto localizado num monte sobranceiro à aldeia do Castelo. Detectam-se alguns materiais à superfície, provavelmente colocados a descoberto por um arroteamento recente, existindo alguns fragmentos de cerâmica manual, algo atípicos, mas de aparente cronologia pré-histórica, e destacando-se o achado de dois machados de pedra polida e de uma ponta de seta em sílex branco.

##### 4. *Habitat das Carvalheiras* (Casteleiro; Sabugal; Guarda)

– Calcolítico.

– A estação arqueológica ocupa o topo e a vertente Sul de uma plataforma pouco elevada, sobranceira à ribeira do Casteleiro. Em cerca de 324 m<sup>2</sup> de terreno, identificou-se um pequeno habitat de uso temporário e esporádico, talvez para dar apoio a expedições de caça, usado para recolha de certos recursos alimentares. Quanto às estruturas identificadas, são de dois tipos: buracos de poste e estruturas de combustão. Os buracos de poste, num total de oito, concentram-se sobretudo no topo da plataforma, não apresentando uma organização aparente, sendo na sua maioria estruturas de sustentação a uma ou mais cabanas e estando também relacionados com as estruturas de combustão. Quanto a estas, num total de dez, apresentavam-se escavadas no saibro, com diferentes morfologias e dimensões, de acordo com as suas diferentes funcionalidades dentro da organização do habitat (lareiras, fornos de cerâmica, fornos de culinária, fossas de argila), estando algumas delas relacionadas entre si.

E formulemos novamente algumas questões: o que é um *habitat*? O que o caracteriza? É a existência de materiais? Que tipo de materiais? Será a existência de materiais e estruturas? Que tipo de estruturas?

#### 2.3.3. Povoado

##### 1. *Calvelo* (Carvalho; Celorico de Basto; Braga)

– Calcolítico? / Idade do Bronze?

– Localiza-se numa elevação (contíguo aos cabeços de Pena Grande, a Oeste) de morfologia cónica e vertentes declivosas, rodeado por linhas de água de caudal temporário. Apresenta exposição a todos os quadrantes, beneficiando, no entanto, de ampla visibilidade para Sul / Sudeste (Vale do Tãmega e Serra do Marão). Alguns dos materiais arqueológicos recolhidos encontravam-se dispersos na metade superior da vertente Este, afectada por uma plantação de eucaliptos que se estende do topo

do monte até à base (junto ao caminho de acesso). Em toda a extensão do cabeço não foram detectados quaisquer materiais arqueológicos, facto que se deve à total ausência de sedimento.

### 2. *Areeiros* (Rego; Celorico de Basto; Braga)

– Neo-Calcolítico.

– Nos cortes provocados pela abertura de um estradão surgiram fragmentos de cerâmica de fabrico manual, alguns com decoração plástica de cordões e anéis mamilares.

– Prospecção / 2001: no perfil de um estradão rasgado no saibro foram encontradas duas fossas e uma vala, abertas no saibro. Esta última revelou vários fragmentos de cerâmica de fabrico manual e ainda alguns objectos líticos.

### 3. *Castelinhos* (Paredes da Beira; São João da Pesqueira; Viseu)

– Neolítico / Calcolítico / Idade do Bronze.

– Povoado sobranceiro ao rio Távora, que ocupa preferencialmente a base Oeste do maciço local-

mente denominado por Castelinhos ou Castelos Velhos. Trata-se de uma plataforma com cerca de 50 m de comprimento e 30 m de largura, com acesso facilitado por Este e Sudoeste. A sua peculiar localização só se compreende se se pensar que a principal função deste povoado era a de vigiar o fluxo de pessoas e de bens que se fazia pelo rio Távora, não descurando a hipótese da exploração dos recursos mineiros da zona. A dispersão dos achados leva a crer que o povoado se estende pela encosta a Este. Uma espessa linha de muralha envolve o morro. A muralha é constituída por blocos informes de granito de consideráveis dimensões, sendo possível observar o reaproveitamento de alguns elementos de mós de rolo na sua edificação. Não são visíveis quaisquer faces da muralha. Pelas observações feitas no terreno, parece possível que o povoado possuísse uma acrópole na plataforma superior, que, a dado momento, foi amuralhada. Existiram, muito provavelmente, várias fases de expansão e de recuo dos limites do povoado.

### 4. *Vinha da Soutilha* (Mairos; Chaves; Vila Real)

– Calcolítico.

– O povoado pré-histórico da Soutilha localiza-se numa zona de suas encostas, voltadas a Oeste e delimitadas por pequenas linhas de água afluentes da ribeira do Rigueiral. A dispersão dos materiais de superfície é vasta, ultrapassando largamente a zona onde foi feita a intervenção arqueológica, e parece distribuir-se ao longo de duas encostas distintas, separadas a meio pela ribeira onde se poderá localizar o abrigo do Buraco Feio / Buraco do Jac-mi-Jorge. Os materiais distribuem-se ao longo de diversas plataformas, entre os numerosos rochedos graníticos que pontuam as encostas. A intervenção arqueológica feita nos anos 80 centrou-se numa plataforma situada a meia encosta. Identificaram-se diversas estruturas, como cabanas, lareiras,



FIG. 1 – Povoado da Lavra, Marco de Canaveses (segundo ARQUEOLOGIA, 1988).

fossas e empedrados, com abundante espólio arqueológico, incluindo material cerâmico, lítico, faunístico e algum metal, tendo sido também obtidas algumas datações por Carbono 14.

Novamente nos questionamos: o que é um Povoado? O que caracteriza um Povoado? É a localização do sítio? É a ausência ou presença de determinado tipo de estruturas? Que tipo de estruturas? É a presença de materiais? É a associação de materiais a estruturas? O que distingue um *Habitat* de um Povoado?

#### 2.3.4. Povoado fortificado

##### 1. *Castro de Santa Justa* (Eucísia; Alfândega da Fé; Bragança)

– Calcolítico / Idade do Bronze / Idade do Ferro / Idade Média.

– Povoado fortificado de médias dimensões, localizado num cabeço em esporão, na encosta Leste do vale da Vilaríça, sobranceiro à aldeia de Santa Justa. Tem boas condições defensivas naturais e um excelente domínio visual sobre o Vale da Vilaríça. Do lado Poente tem grandes fragueiros naturais, dos quais arranca a única linha de muralha perceptível, que rodeia o resto do topo do cabeço. Dentro da zona amuralhada, e sobretudo nas encostas subjacentes, que se encontram agricultadas, é possível encontrar grandes quantidades de cerâmica superficial, a partir das quais é possível discernir pelo menos três fases distintas de ocupação. A primeira pertence à Pré-História Recente, destacando-se um conjunto apreciável de cerâmicas decoradas com motivos “penteados”. Sendo menos óbvios, há um conjunto de cerâmicas que aparentam pertencer à Idade do Ferro (a segunda fase de ocupação) e, por fim, existem algumas escassas cerâmicas de clara cro-

nologia medieval. Não há elementos para dizer a que fase pertencerá a linha de muralha existente, mas as características do local tornam provável que tenha sempre sido um povoado fortificado.

## 2. *Cativelo* (Milhão; Bragança; Bragança)

– Calcolítico / Idade do Bronze.

– Povoado fortificado de grandes dimensões, sobranceiro à Ribeira da Ferradosa, na margem esquerda. Ocupa o topo de um cabeço aplanado de vertentes bastante suaves e acessíveis, excepto a Oeste, onde enfrenta a ribeira, e, parcialmente, a Norte. Na encosta Norte é evidente uma linha de muralha a meia encosta, e parece haver uma primeira logo no rebordo superior do cabeço, a qual, por sua vez, é evidente na encosta Oeste. São assim pelo menos duas as linhas de muralha deste povoado. As faces não são visíveis, sendo detectadas pelos taludes formados pelos seus derrubes. Nas restantes encostas, as de acesso mais facilitado, não são claramente visíveis quaisquer muralhas, o que poderá dever-se à acção da agricultura e ao facto de a zona onde presumivelmente existiriam estar coberta de mato. O recinto interno é uma vasta plataforma plana. Os materiais de superfície distribuem-se por toda a área, com maior concentração no sector Noroeste. À excepção de um fragmento perdido de telha de meia-cana, todos os materiais se enquadram numa cronologia da Pré-História Recente, provavelmente do Calcolítico e Idade do Bronze. O material mais abundante é a cerâmica, destacando-se pela ausência a cerâmica decorada. Quanto a líticos, não se encontrou qualquer elemento de mó manual ou artefactos de pedra polida. Aparecem numerosos seixos inteiros ou fracturados, de quartzito ou quartzo, e algumas lascas de quartzito.

## 3. *Espondra* (Morais; Macedo de Cavaleiros; Bragança)

– Calcolítico / Idade do Bronze / Idade do Ferro.

– O monte da Espondra constitui-se por uma elevação bastante alongada, que se desenvolve no planalto de Morais. As suas características geomorfológicas não reúnem grandes condições de defesa natural, embora a sua implantação permita o controlo geoestratégico sobre

uma vasta área envolvente. O monte é de fácil acesso praticamente por todos os sectores, com excepção dos sectores Sul e, particularmente, do sector Este, que constitui a vertente que descai no sentido da ribeira de Vale de Moinhos. O local foi sujeito a uma intensa destruição, devido a um projecto de florestação aqui concretizado. Talvez por tal motivo não se consigam observar vestígios articulados com a existência de estruturas defensivas, nem qualquer talude, derrube ou amontoado de pedra que permita deduzir a sua existência. Tal facto constitui um elemento a ter em conta, já que, por um lado, o sítio não possui qualquer indício estrutural de um sistema defensivo e, por outro, a sua implantação confere-lhe grande vulnerabilidade em termos de defesa natural. Os vestígios materiais reduzem-se a fragmentos cerâmicos, cujas pastas se inserem em períodos cronológicos articulados com o Calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Estes materiais, únicos vestígios arqueológicos observados no local, encontram-se dispersos em grande quantidade, por uma área superior a um hectare.

## 4. *Castelo-Ariz* (Ariz; Moimenta da Beira, Viseu)

– Calcolítico.

– A estação arqueológica ocupa um ponto elevado que domina o vale da Ribeira de Cubos, marcado por abundantes penedos e alguns troços de muralha, que definem um recinto onde se identifica uma dispersão de vestígios de ocupação humana (cerâmica), associados também a diversos abrigos naturais.

O que é um Povoado Fortificado? Que características apresenta? É um sítio localizado em pontos com boas condições de defesa naturais? Tem um excelente domínio visual sobre a região? Possui um sistema defensivo: uma ou duas linhas de “muralha”?

Foi no decorrer da consulta da base de dados de sítios arqueológicos do IPA e na construção da nossa própria Base de Dados, que desperçámos para a necessidade de sistematizar estas questões, referentes não

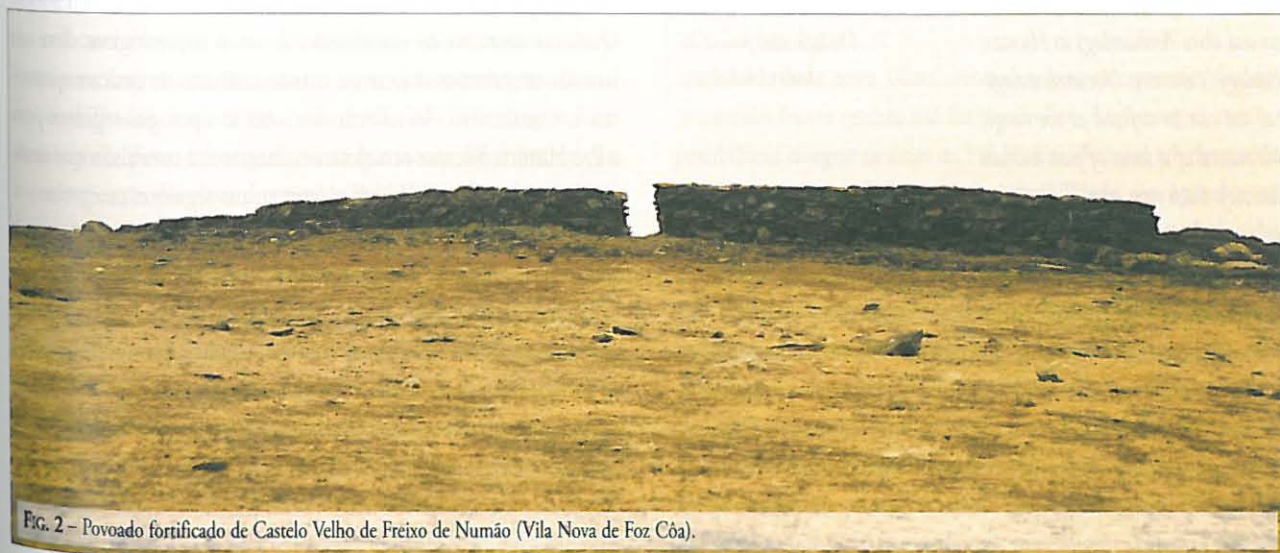


FIG. 2 – Povoado fortificado de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa).

Foto: Lurdes Cunha.

só à variabilidade de sítios na Pré-História Recente, mas também pela forma como estas tipologias e conceitos têm sido utilizados.

Escolhemos os exemplos apresentados anteriormente de forma aleatória e com o objectivo de mostrar o quão difícil pode ser a interpretação e gestão da informação disponibilizada pelo *Endovêlico*. Não pretendemos com isto colocar em causa o trabalho que tem sido feito pelos técnicos do IGESPAR que, no fundo, é apenas o reflexo do pensamento arqueológico que se vem desenvolvendo até ao momento. Pretendemos apenas agitar consciências, promover a reflexão e suscitar uma definição mais precisa de conceitos e critérios de classificação de sítios arqueológicos.

Portugal não dispõe, até à data, de uma classificação rigorosa de sítios arqueológicos. Alguns autores, que empreenderam uma abordagem abrangente da nossa Pré-História Recente, registaram e perpetuaram nomenclaturas que foram surgindo e sendo adaptadas de outras realidades ou de outros períodos cronológicos. Muitos desses termos continuaram a ser utilizados de forma convencional, apesar de alguns deles ficarem um pouco aquém de espelhar a nossa realidade actual.

### 3. A CLASSIFICAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE: BREVES REFLEXÕES

O que é um sítio arqueológico? RENFREW e BAHN (1996a: 46) deixam-nos a seguinte sugestão: *“Archaeological sites may be thought of as places where artifacts, features, structures, and organic and environmental remains are found together. For working purposes one can simplify this still further and define sites as places where significant traces of human activity are identified. Thus a village or town is a site, and so too is an isolated monument like Stonehenge in England. Equally, a surface scatter of stone tools or potsherds may represent a site occupied for no more than a few hours, whereas a Near Eastern tell or mound is a site indicating human occupation over perhaps thousands of years”*.

Um outro autor, Karl W. Butzer, na sua obra *Archaeology as Human Ecology*<sup>3</sup>, escreve: *“An archaeological site can be defined as the tangible record of a locus of past human activity. Such sites vary in scale from the locus of a single processing task to a complex urban settlement. They also range in duration from an ephemeral sojourn to millennia of sequential occupation”*.

Quando pensamos em sítios arqueológicos, pensamos em sítios identificados através da existência de vestígios materiais, independentemente da sua natureza e cronologia. Ao observarmos a realidade da Bacia Hidrográfica do Douro ao nível da Pré-História Recente, apercebemo-nos de que muitos destes sítios inventariados resultam de trabalhos de prospecção, nos quais, em muito casos, são detectados materiais à superfície (fragmentos de cerâmica e alguns líticos atribuídos

à Pré-História Recente) e estruturas (nomeadamente muros), a que são atribuídas de imediato tipologias e cronologias, sem se estar na posse de dados suficientes para tal. Existem sítios que se encontram classificados como “povoados”, onde foram detectados apenas uns quantos fragmentos de cerâmica de cronologia da Pré-História Recente, que poderiam ter sido classificados como vestígios de ocupação, vestígios diversos, *habitat*, mancha de ocupação. Por outro lado, compreendemos a necessidade que temos, enquanto investigadores, de tentar “encaixar” os vestígios encontrados nas tipologias de sítios que se conhecem, apesar de este ser um processo problemático e delicado.

*“Classification» is that activity in which objects, concepts and relations are assigned to categories; «classifying» refers to the cognitive and cultural mechanisms by which this is achieved; and «classifications» are the linguistic, mental, and other cultural representations which result”*  
(ELLEN 2002: 103).

*“Classifications as things, therefore, are not the inventions of individuals, but arise through the historically contingent character of cultural transmission, linguistic constraints, metaphorical extensions, and shared social experience in relation to individual cognitive practice”*  
(Idem: 106).

A classificação pode ser entendida como a estruturação ou organização de determinados fenómenos em grupos ou outros esquemas classificatórios, com base em atributos comuns. Classificar sítios arqueológicos, ou definir uma tipologia de sítios arqueológicos, implica a organização sistemática de elementos em tipos com base em atributos comuns, sendo que um tipo é um conjunto de elementos definidos pelo agrupamento coerente de atributos (RENFREW e BAHN 1996b). Qualquer tentativa de classificação de sítios arqueológicos deve ser baseada em critérios objectivos, usando atributos de carácter quantitativo e qualitativo. Ao reflectirmos sobre as tipologias vigentes para a Pré-História Recente actualmente, chegamos à conclusão que muitos destes sítios arqueológicos se inserem nas seguintes categorias:

- Local de implantação: podem ser sítios de ar livre ou abrigos sob rocha / grutas;
- Arquitecturas: recintos abertos ou fechados, *tumulus*, cistas, monumentos megalíticos, cromeleques, estelas, menires, fossas, entre outros;
- Tempo: sazonal, temporário, permanente;
- Exploração do espaço / Funcionalidade: *habitat*, povoado, sepulcro, santuário (advém da interpretação dos dados);
- Práticas / Contextos: doméstico; funerário-cultural; ritual (advém da interpretação dos dados).

*“Não me parece que as palavras sejam inócuas. Povoado, povoado fortificado, recinto, necrópole [...], todas têm uma história que explica não só a sua aparição, como a sua mais ou menos prolongada manutenção”*  
(JORGE 2003a: 9-10).

Até há pouco tempo, tudo o que não fosse “enterramento” nem “santuário de arte rupestre”, era classificado como “povoado”. O povoado está muitas vezes associado ao conceito de profano. Se nos depararmos com um sítio amuralhado, então será um local de defesa, um povoado fortificado. Estas classificações clássicas assentam em dicotomias: doméstico / ritual; lugares dos vivos / lugares dos mortos.

A partir dos anos 90 do século passado, alguns pressupostos e paradigmas foram colocados em causa, permitindo uma nova forma de olhar os testemunhos materiais. Nas palavras de Susana Oliveira JORGE (2003b: 1431), *“mudou sobretudo a maneira de «olhar»”. Olhar os vestígios arqueológicos, os sítios, a paisagem, a própria maneira de se fazer arqueologia. Não é por acaso que apareceram «novos sítios» em diferentes regiões transmontanas e alto durienses*. Que sítios são esses? Surge, por exemplo, a noção de recintos multifuncionais onde coexistem, de forma muito complexa, diversos contextos rituais que, na prática, subvertem a tradicional dicotomia entre *“espaços domésticos / espaços sepulcrais-rituais”* (JORGE 2000: 97).

Segundo a mesma autora, existe na abordagem tradicional uma separação entre aquilo que será da esfera do doméstico, por oposição ao funerário e cultural, assim como a oposição secular / profano versus ritual. No entanto, o domínio “ritual” atravessa todos os contextos. Logo, não pode ser autonomizado. Daí que se torne fundamental problematizar a noção de ritual (algo que excede os objectivos deste artigo). Algumas nomenclaturas estão “viciadas”, pois transpõem quase que linearmente conceitos da nossa contemporaneidade para a Pré-História Recente. Temos de ter consciência de que uma necrópole megalítica não é um cemitério actual; de que um “povoado” Pré-Histórico não é igual ao povoado actual.

Ao colocar em causa a dicotomia doméstico / ritual, Susana Jorge levanta uma interessante discussão em torno de terminologias e conceitos estabilizados, como sejam “vida doméstica”, “uso comum / uso doméstico”, “povoado”, discussão esta que vai ser determinante para a caracterização dos tipos de sítios da Pré-História Recente, ou mesmo para as questões ligadas à construção da paisagem em Pré-História. As realidades deixam de ser tão estanques para se tornarem mais fluidas.

À luz desta nova perspectiva, parece-nos redutor classificar de forma categórica “sítios onde se vive” (povoados) e “sítios sagrados” (por ex. “santuários” de arte rupestre), a partir de uma análise exclusivamente arqueográfica e muitas vezes superficial. Efectivamente, um abrigo sob rocha poderia ter funcionado como *habitat*, como necrópole ou ainda como “santuário” de arte rupestre.



Foto: João Miralha Cardoso

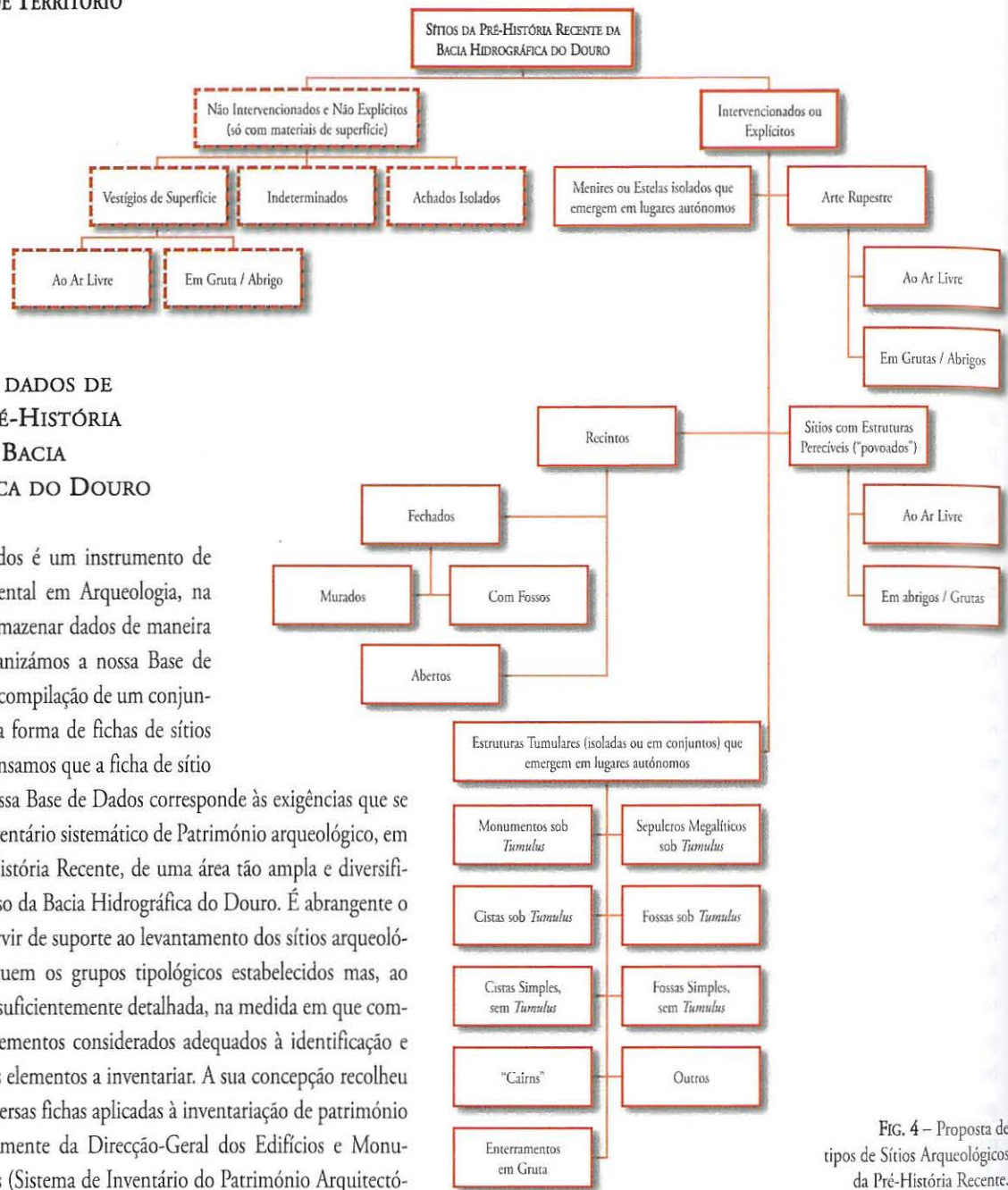
FIG. 3 – Torre principal do recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa), na campanha arqueológica de 2005.

Basicamente, temos de admitir um polimorfismo de sítios arqueológicos. Um sítio arqueológico pode ter várias ocupações diferenciadas com cronologias distintas.

Hoje temos consciência de que um mesmo sítio pode ter diferentes significados em momentos diferentes. São as *práticas* que atribuem um determinado significado ou *sentido* ao sítio arqueológico. No entanto, só “conseguimos” perceber esse tipo de práticas através da escavação dos sítios arqueológicos e da definição dos contextos onde esses elementos materiais nos surgem. Estas questões (aqui abordadas de forma muito superficial) obrigam-nos a repensar conceitos, a tentar encontrar novas nomenclaturas, mais adequadas à complexidade e heterogeneidade das espacialidades pré-históricas.

Expomos de seguida a proposta de uma possível tipologia de sítios arqueológicos para a Pré-História Recente para a Bacia Hidrográfica do Douro, que tem como base critérios ou categorias relacionados com as arquitecturas dos sítios. Gostaríamos de salientar que este é um trabalho ainda em curso, passível de alterações, melhoramentos e reflexões (ver Fig. 4).

Em virtude deste novo “olhar”, tentamos compor expressões descomprometidas (tanto quanto isso for possível em Arqueologia), que nos possibilitem integrar os sítios da Pré-História Recente em determinados Tipos, permitindo uma maior flexibilidade conceptual e um maior encaixe de realidades variáveis. Obviamente, um trabalho desta natureza incorre numa série de riscos, nomeadamente o de “esvaziar” algumas nomenclaturas de sentido. A maior dificuldade que enfrentámos ao estruturar a tipologia que apresentamos continua a ser a do conceito de “povoado”. Optámos por alterá-lo para “sítios com estruturas percívveis”, mas este não é um ponto pacífico na discussão que temos tido com vários colegas. Continuará a ser um assunto em aberto, quem sabe passível duma discussão saudável por parte da comunidade arqueológica em Portugal.



#### 4. A BASE DE DADOS DE SÍTIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA BACIA HIDROGRÁFICA DO DOURO

Uma base de dados é um instrumento de trabalho fundamental em Arqueologia, na qual é possível armazenar dados de maneira estruturada. Organizámos a nossa Base de Dados através da compilação de um conjunto de dados sob a forma de fichas de sítios arqueológicos. Pensamos que a ficha de sítio que compõe a nossa Base de Dados corresponde às exigências que se colocam a um inventário sistemático de Património arqueológico, em especial da Pré-História Recente, de uma área tão ampla e diversificada como é o caso da Bacia Hidrográfica do Douro. É abrangente o suficiente para servir de suporte ao levantamento dos sítios arqueológicos que constituem os grupos tipológicos estabelecidos mas, ao mesmo tempo, é suficientemente detalhada, na medida em que comporta todos os elementos considerados adequados à identificação e caracterização dos elementos a inventariar. A sua concepção recolheu inspiração em diversas fichas aplicadas à inventariação de património imóvel, nomeadamente da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Sistema de Inventário do Património Arquitectónico), do Instituto Português do Património Arquitectónico, do Instituto Português de Arqueologia, da empresa Crivarque e do *Projecto de Inventário do Património Imóvel dos Açores* (ver Fig. 5).

A ficha de sítio arqueológico que se integra nesta Base de Dados encontra-se organizada em vários descritores, com os seus respectivos campos e subcampos. Num primeiro ponto – Identificação –, identifica-se o sítio arqueológico em causa através do seu número de inventário (atribuído de forma sequencial) e explicita-se a sua designação ou designações (por vezes, um mesmo sítio é conhecido por vários nomes). De seguida, procede-se à sua Localização. Aqui reunimos um conjunto de informações que congregam os seguintes itens: topónimo / lugar, freguesia, concelho, distrito; acessos ao sítio; *Carta Militar de Portugal*; altimetria; latitude e longitude e respectiva fonte de informação.

A Caracterização do Sítio contempla o tipo de sítio e respectivas observações que possam ser necessárias, cronologia e datações absolutas que

existam e descrição e trabalhos efectuados (prospecção, levantamento, escavação). Decidimos individualizar os motivos de arte rupestre encontrados no sítio arqueológico, para que essa informação não passasse despercebida. Foi ainda incluído um item referente ao núcleo ou conjunto de sítios, tais como núcleos de arte rupestre ou monumentos sob *tumulus* que façam parte, ou que os investigadores assumam que façam parte, da mesma realidade. Por fim, contempla-se o estado de conservação do sítio, importante, já que muitos deles se encontram completamente destruídos. Consideramos importante a caracterização do sítio arqueológico a vários níveis, nomeadamente a Caracterização do Meio Envolvente (implantação topográfica, contexto geológico, linha de água e observações respeitantes a este assunto), a caracterização da Componente Artefactual e a Caracterização Etnográfica (tradições / lendas, circunstâncias da sua descoberta, particularidades) que se relaciona com a temática que estamos a estudar: paisa-

FIG. 4 – Proposta de tipos de Sítios Arqueológicos da Pré-História Recente.

gem e memória social. Este é um ponto-chave da nossa investigação. Olhamos para os Sítios com ocupações Pré-Históricas como um pretexto para percebermos esse sítio como um todo, tendo em consideração não só os elementos arqueográficos, mas também tentando perceber de que forma as populações locais se relacionam com os mesmos. É preciso abrir a investigação arqueológica a um conjunto de elementos que não costumam ser devidamente analisados, ou que costumam ser olhados como meras curiosidades.

Introduzimos ainda um campo para observações gerais e a bibliografia consultada. Optámos por colocar o Código Nacional de Sítio (que remete para o Endóvelico) no final de cada ficha.

## 5. NOTAS FINAIS

Neste artigo, procurámos tecer uma série de considerações com as quais nos fomos confrontando no decurso da investigação da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro, nomeadamente no processo de construção da Base de Dados de sítios arqueológicos. Abordámos superficialmente a questão basilar da classificação de sítios arqueológicos em Pré-História Recente, que deveria ser fruto de discussão alargada. Apesar de ser um tema bastante comentado, existe pouca bibliografia sobre o assunto no nosso país. Encetar um diálogo entre pré-historiadores, promover uma discussão saudável e construtiva sobre as questões que aqui referimos brevemente, é algo que almejamos para um futuro próximo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELECTRÓNICAS

ALÇADA, Margarida (1998) – “Inventariar, Documentar, Informar”. In *Urbanidade e Património*. Lisboa: IGAPHE.

ARQUEOLOGIA (1988). Porto: GEAP. Vol. 17.

BRUNO, Jorge Paulus – *Projecto do Inventário do Património Imóvel dos Açores*. [em linha; disponível em <http://www.inventario.iacultura.pt/metodo.html>; acedido em 7 de Março de 2010].

CRIVARQUE – *Estudos de Impacte Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. – 1. Ficha de Sítio Arqueológico*. Câmara Municipal de Aveiro. [em linha; disponível em <http://www.cm-aveiro.pt/www/cache/.../XPQ5FaAXX10730aGdb9zMfijeZKU.pdf>; acedido em 19 Janeiro de 2010].

DIRECÇÃO Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – *Pesquisa por Sistema de Informação – inventário*. [em linha; disponível em <http://www.monumentos.pt>; acedido entre 2006 e 2008].

ELLEN, Roy (2002) – “Classification”. In BARNARD, Alan e SPENCER, Jonathan (eds.). *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. London / New York: Routledge.

IGESPAR – *Pesquisa por Património*. [em linha; disponível em <http://www.igespar.pt/patrimonio/>

*pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/*; acedido em Janeiro de 2010].

INSTITUTO da Habitação e Reabilitação Urbana (2010) – SIPA. [em linha; disponível em <http://www.monumentos.pt>; acedido em Fevereiro 2010].

INSTITUTO Português de Arqueologia – *Pesquisa por Base de Dados*. [em linha; disponível em <http://www.ipa.min-cultura.pt>; acedido entre 2006 e 2008].

INSTITUTO Português do Património Arquitectónico – *Pesquisa por Património*. [em linha; disponível em <http://www.ippar.pt>; acedido entre 2006 e 2008].

INVENTARIAR para salvaguardar: sistemas de informação em arqueologia – *Actas de Simpósio* (20 de Abril de 2007). [em linha; disponível em [www.ipa.min-cultura.pt/news/Simpósio](http://www.ipa.min-cultura.pt/news/Simpósio); acedido em 25 de Janeiro de 2010].

JORGE, Susana Oliveira (1990) – “Desenvolvimento da Hierarquização Social e da Metalurgia”. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. Vol. 1, “Portugal: das origens à romanização”.

JORGE, Susana Oliveira (2000) – “Problematizando a Pré-História Recente de Portugal (VI-II milénios a.C.)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE. Vol. 40 (3-4).

JORGE, Susana Oliveira (2003a) – “Pensar o Espaço da Pré-história Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica”. In *Recintos Murados da Pré-História Recente*. Porto / Coimbra: DCTP (FLUP) / CEAP (FCT).

JORGE, Susana Oliveira (2003b) – “A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos 25 anos”. In *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Baquero Moreno*. Porto: Livraria Civilização. Vol. III. pp. 1421-1450.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul (1996a) – *Archaeology, Theories, Methods and Practice*. 2nd ed. Londres: Thames and Hudson.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul (1996b) – *Archaeology, Theories, Methods and Practice*. 5th ed. Londres: Thames and Hudson. “Glossary”. [em linha; disponível em <http://www.thamesandhudsonusa.com/web/archaeology/5elglossary.html>; acedido a 25 de Janeiro de 2010].

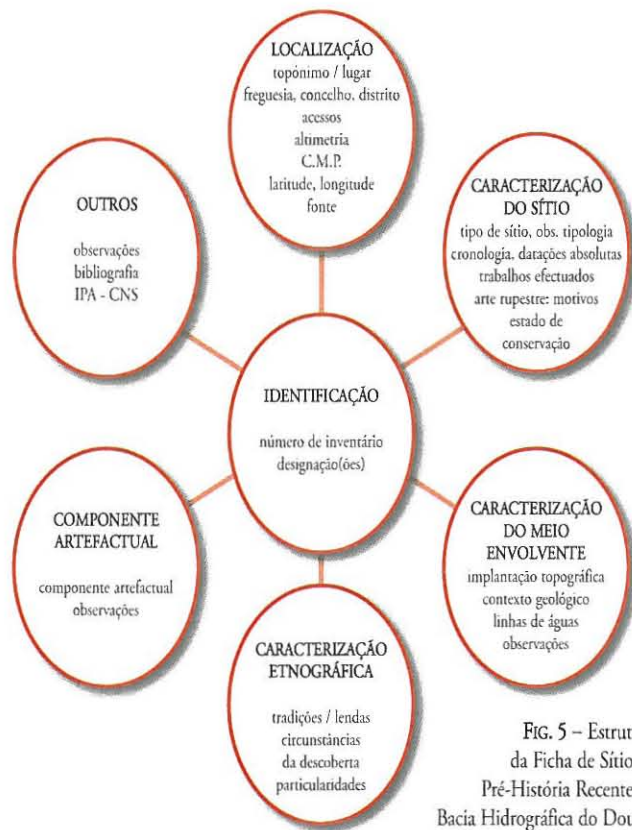


FIG. 5 – Estrutura da Ficha de Sítio da Pré-História Recente da Bacia Hidrográfica do Douro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Susana Oliveira Jorge (minha orientadora de Doutoramento), pela sua disponibilidade em discutir alguns dos pontos aqui abordados. Agradeço igualmente a Lesley McFayden e a Andreia Arezes pelos seus contributos, assim como a Cristiana Veleda pela revisão do texto. 🐾